

Intervenção na cerimónia de entrega da medalha de mérito cultural a Cláudio Torres

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Mértola,

Exma. Senhora Diretora Regional de Cultura do Alentejo,

Exmas. Senhoras e Senhores,

Caro Cláudio Torres,

São felizes as circunstâncias que nos levam a atribuir uma Medalha de Mérito Cultural, porque feliz será sempre o momento em que o Ministério da Cultura evoca e homenageia aqueles que com o seu contributo ajudaram a construir e a preservar a Cultura portuguesa.

É, igualmente, um privilégio para mim poder, em nome do Governo, entregar esta medalha na belíssima Vila de Mértola, lugar de cultura e de um vasto património edificado, que evidencia uma característica singular da nossa história e da nossa identidade, construída não num caminho de sentido único, mas no encontro entre as muitas culturas e os muitos povos que deixaram a sua marca perene neste território.

A Vila de Mértola, muito em especial o seu Campo Arqueológico e o trabalho desenvolvido nesta instituição de referência, testemunham este encontro de culturas, do qual a cultura islâmica é parte fundamental, e a que tantas palavras da nossa língua dão voz, que os nossos costumes, aromas e sons manifestam e que o nosso património arqueológico atesta.

O Campo Arqueológico de Mértola, medalha de Mérito Cultural em 1998, é a imagem feita em instituição e o legado de Cláudio Torres, um exemplo de preservação do património arqueológico desta vila, da rica narrativa de tempos que ele manifesta e da presença romana até à história portuguesa. Um trabalho que, através da cultura e do

património aqui existentes, da sua salvaguarda e estudo, e de um projeto inovador e multidisciplinar tem contribuído de forma indelével para a valorização da população de Mértola, transformando esta terra num destino obrigatório para os que se interessam pela cultura mediterrânica.

Queria realçar este aspeto, porque a Medalha de Mérito Cultural é uma distinção que, mais do que nas obras, se centra no seu impacto significativo na sociedade, no enriquecimento cultural da população e dos territórios, no quanto a cultura, no muito que nos dá a conhecer e a experimentar, melhora os nossos dias.

A par do mérito inegável do Campo Arqueológico, construído pelo seu fundador e diretor, mas também por muitos outros arqueólogos e museólogos que aqui trabalharam, juntamos agora o profundo reconhecimento que esta medalha presta à vida de Cláudio Torres.

Uma vida tantas vezes vivida nas mais adversas circunstâncias, da militância clandestina à prisão política, do exílio marcado pela incrível aventura no pequeno barco com que Cláudio Torres, a mulher e outros cinco companheiros percorreram a costa portuguesa e rumaram a Marrocos.

Realço este episódio porque ele me parece um momento simbólico de uma vida que transformou a luta contra a brutalidade numa luta pela sobrevivência, primeiro da sua própria e dos que com ele enfrentaram as correntes contrária e a perseguição da polícia marítima franquista, e desde que regressou a Portugal em 1974, da sobrevivência da nossa memória histórica e cultural, tendo um papel fundamental na dinâmica de mudança de mentalidades, valores e instituições no nosso país.

É este o efeito quase milagroso de quem à história, à museologia e à arqueologia dedicou uma vida, como Cláudio Torres, o de nos mostrar permanentemente com a sua obra e com as mãos, como ele gosta dizer, sujas pelo trabalho arqueológico, que o património cultural é o que de nós sobrevive e sobreviverá, como prova e como afirmação contra o apagamento próprio do passar do tempo, um testemunho de humanidade.

A Medalha de Mérito Cultural enriquecesse-se a cada reconhecimento que lhe somamos, a cada nome que esta honrosa lista chama para se tornar cada vez mais meritória. Ela é um gesto de agradecimento do Governo Português, por uma carreira longa e uma vida permanentemente dedicada à cultura e ao património cultural nacional, mas ela é também a gratidão da certeza de que, aqui, quem dá a medalha se engrandece também com quem a recebe, porque o reconhecimento só tem o valor dos grandes nomes que evoca, como, agora, evocamos o seu.

Muito Obrigada,

Graça Fonseca

11 de janeiro